



GT 44. Etnografias da música: dilemas e soluções empíricas e metodológicas

Coordenador(es):

Carla Delgado de Souza (UEL)

Marina Bay Frydberg (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Para a antropologia da música, o trabalho de campo e, conseqüentemente, a escrita etnográfica não devem se ater a uma noção simplista da música como sendo exclusivamente som. Desde os anos 1980, crescem as etnografias que utilizam uma concepção ampliada de música, o que faz com que a ênfase dos estudos recaia sobre os fazeres musicais. Com isso, ganham sentido as etnografias que relacionam música com aspectos rituais, étnicos e culturais de grupos sociais distintos. Na busca por uma semântica musical que leve em conta os aspectos poéticos e sociais da música, também tem sido cada vez mais frequente a realização de etnografias da que revelem como os fazeres musicais são perpassados por marcadores sociais como os de raça, gênero e classe social. Entendendo que a antropologia da música está afinada com as proposições e discussões mais amplas presentes nas teorias antropológicas contemporâneas, pretendemos discutir, nesse GT, os dilemas enfrentados pelos antropólogos durante a realização de seus trabalhos de campo, que muitas vezes inspiram a experimentação de novas técnicas de pesquisa para a construção dos dados etnográficos, bem como para a posterior análise destes. O processo de escrita etnográfica tampouco é imune aos dilemas vivenciados pelo pesquisador. Nesse sentido, reflexões sobre as potências e os limites da escrita etnográfica sobre os fazeres musicais são bem vindas.

Rodas de Mulheres: A nova geografia feminina de presença e fazeres musicais em rodas de choro e samba.

Autoria: Julia Santos Cossermelli de Andrade (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O papel da mulher no choro e no samba é um assunto delicado. Se por um lado o samba carioca nasceu com as Tias Baianas - como a Tia Ciata - a presença feminina é muitas vezes restrita ao papel de ?musa inspiradora?. Se foram fartamente cantadas em versos e prosas, poucas vezes essas mulheres ocuparam as cadeiras de instrumentistas, de compositoras ou mesmo de interpretes nas rodas. Elas existiram, sabemos, desde o final do século XIX com nomes como o de Chiquinha Gonzaga, Tia Amélia, Ludovina Villas-Boas, Lina Pesce e mais recentemente de Luciana Rabello. No samba também podemos lembrar de Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Cristina Buarque e ou Tereza Cristina. Porém essa presença, além de inferior numericamente, foi sempre a custa de muito preconceito e constrangimentos, como todas relatam fartamente. Contudo a presença feminina nas rodas de choro e de samba vem aumentando nos últimos anos. Estamos presenciando, inclusive, grupos exclusivamente composto por mulheres que ganham espaço em várias partes do país como o Regional de Brasília chamado Segura Elas, o Abre a roda, Mulheres no Choro de Belo Horizonte, o Samba Delas daqui do Rio ao lado do já antigo grupo Choronas que atua desde a década de 1990 entre muitos outros. Nossa pesquisa visa apresentar esse circuito feminino presente em rodas que vem ganhando espaço pelo Brasil. Ao ponto de em 2019 o II Encontro Nacional de mulheres na Roda de Samba ter sido transmitido 23 localidades simultaneamente. Uma das suas organizadoras, Camille Siston, busca fazer do que chamou de ?desinvisibilidade? pois, declara: ?Eu nem chamo de preconceito, existe discriminação, distanciamento. Foi dada uma definição de lugar para o homem, e alí eles se acham os donos da bola. Só eles são bons. Só o homem pode tocar bem pandeiro, cavaco, violão?. Ou seja, esse movimento feminista, mais do que uma festa é entendido, pelas próprias instrumentistas, como um ato político e cultural que visa ocupar



esse espaço tradicionalmente dominado por homens. Mapear esse movimento através de uma etnografia deste fazer musical é o nosso desafio proposto aqui.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: